

Zilda Diniz Fontes (1920-1984): uma educadora para além dos muros da escola

Zilda Diniz Fontes (1920-1984): educator beyond school walls

Alline Rodrigues Bento¹

Resumo: Este artigo faz parte da pesquisa de dissertação de Mestrado em Educação inscrita no campo da História da Educação, vinculada à Linha de Pesquisa: Estado, Políticas e História da Educação do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Goiás, defendida em julho de 2019. Refere-se a um trabalho que teve como cerne a análise biográfica de caráter histórico da trajetória da professora Zilda Diniz Fontes (1920-1984), memorialista, romancista, poetisa, dramaturga e autora de projetos culturais na cidade de Morrinhos, no estado de Goiás. A partir dos pressupostos teórico-metodológicos da História Cultural, este trabalho intentou investigar parte da trajetória dessa mulher no interior de seus movimentos nos espaços que ocupou e atuou, seja no espaço escolar ou nos espaços culturais, principalmente na dramaturgia, de uma cidade do interior goiano.

Palavras-chave: Biografia. História da Educação. Dramaturgia.

Abstract: This article is a part of the dissertation of Master research in Education in the field of History of Education, linked to the Research Line: State, Policies and History of Education of the Graduate Program in Education at the Federal University of Goiás, defended in July 2019. The research refers to a work whose core was the historical biographical analysis of the trajectory of Zilda Diniz Fontes (1920-1984), teacher of elementary school, memorialist, novelist, poet, playwright and author of cultural projects where she lived. Based on the theoretical-methodological assumptions of Cultural History, this work attempted to investigate part of the trajectory of this woman within her movements in the spaces she occupied and acted, whether in the elementary school or cultural spaces, mainly in dramaturgy, of an inland city in the State of Goiás.

Keywords: Biography. History of Education. Dramaturgy.

O presente artigo faz parte da pesquisa de dissertação inscrita no campo da História da Educação e tem como cerne a trajetória histórica e biográfica da professora Zilda Diniz Fontes (1920-1984), memorialista, romancista, poetisa, dramaturga e autora de projetos culturais em Morrinhos, município do estado de Goiás. Baseia-se em uma pesquisa que teve como objetivo investigar parte da história dessa mulher no interior de seus movimentos nos

¹ Mestra em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Goiás. Contato: alline.0@hotmail.com.

espaços que ocupou e atuou, seja no espaço escolar ou nos espaços culturais de uma cidade do interior goiano. O recorte temporal da pesquisa inicia-se no ano de 1920, ano em que Zilda nasceu, alcançando os anos 1980, quando a professora faleceu.

Zilda se dedicou ao magistério desde a adolescência. Formou-se normalista aos quinze anos de idade, atuando em várias instituições de ensino do município. Paralelamente ao magistério, dedicou-se intensamente às atividades literárias e culturais que não estavam inseridas em contexto religioso, caritativo, de clubes ou algo semelhante. Ocupou espaços que, habitualmente, não eram de atuação feminina no período, como escrever novelas de rádio e peças de teatro, atividades vistas com desconfiança pela sociedade da época. Como memorialista, a despeito de ter escrito um livro sobre a história da cidade, destaca-se seu lugar de mulher, pois pode-se considerar que escrever memórias locais era uma exclusividade de homens no período estudado².

Para a realização do estudo, foram considerados os lugares ocupados por Zilda em sua formação familiar, escolar, no magistério, nas escritas memorialistas, de poemas e da novela radiofônica e, ainda, sua atuação na dramaturgia, considerando os aspectos familiares e formativos que colaboraram para a sua constituição enquanto teatróloga. Tomamos as nove peças de teatro que escreveu, dirigiu e encenou em Morrinhos e em outras cidades do estado entre as décadas de 1960 e 1980.

Salientamos que, para não se cair na armadilha da história descritiva e muito menos colaborar para a criação e exaltação de mitos e heróis, responsabilizados pelos feitos na história, buscamos realizar uma pesquisa de análise biográfica, baseada na historiografia, considerando os contextos históricos, sociais e políticos que permearam a trajetória de Zilda, tanto pessoal quanto profissionalmente, desde a chegada de sua família em Goiás. Para tanto, foram considerados confrontos e questionamentos acerca das fontes que nos foram necessárias para essa investigação.

A escrita biográfica na História: pluralidades nas histórias de vida

O estudo biográfico, a história da vida de alguém ou a vida de alguém a partir da história, é a reflexão inicial que consideramos relevante ser feita. Loriga (2011) salienta que somente ao longo do século XVII foi que o termo “biografia” apareceu, nesse momento sendo

2 Como romancista, escreveu *Apenas Uma Esperança*, novela escrita para rádio em 1967; escreveu poemas em que abordou assuntos diversos; e escreveu a obra memorialista *Morrinhos: de capela a cidade dos pomares*, único livro, editado e publicado em 1980. Ressaltamos ainda as atividades culturais desenvolvidas na cidade, como a Festa de Arte de Morrinhos, organizada pela Sociedade Dramática e Literária, projeto também idealizado por Zilda.

utilizado para intitular uma obra baseada numa descrição mais próxima da realidade, opondo-se a outras formas anteriores de escrituras individuais, as quais idealizavam as circunstâncias da vida de pessoas. Nesse sentido, a escrita biográfica e a escrita da história sempre se inspiraram em ações individuais, na qual homens considerados ilustres eram os próprios condutores da história.

Nesse sentido, Dosse (2015, p. 123) afirma que

Durante muito tempo, da Antiguidade à época moderna, o gênero biográfico teve por função essencial identificar. Prestou-se ao discurso das virtudes e serviu de modelo moral edificante para educar, transmitir os valores dominantes às gerações futuras. O gênero biográfico participa, pois, de um regime de historicidade no qual o futuro é a reprodução dos modelos existentes, que devem perpetuar-se.

Nessa perspectiva, Oliveira (2015, p. 280) também destaca que

as biografias dos brasileiros ilustres se fundavam na correlação entre as suas trajetórias singulares e o tempo histórico da nação, mediante o elogio das suas virtudes morais como modelo para o presente e a fixação da memória das suas ações exemplares para a posteridade.

A evidência dessas histórias de vida se dava por considerarem exemplos para as sociedades futuras, responsabilizando “os ilustres” pelos acontecimentos históricos, como se a história tivesse sido construída somente por eles, desconsiderando aqueles que não possuíam nenhum prestígio social.

Observamos assim que os escritos biográficos colaboravam para essa perpetuação na história daqueles que pertenciam às elites, como construtores dos feitos históricos de uma determinada época. Tornavam-se, por meio das biografias e dos registros históricos, heróis daquele período, exemplos a serem seguidos. E isso se manteve ao longo do século XIX. Loriga (2011, p. 23) sublinha que os dicionários biográficos se multiplicaram, permanecendo bem longe de expectativas científicas: “Uma vez tornados biógrafos profissionais, muitos se põem a escrever vidas oficiais, obsequiosas e moralizantes. O resultado é dos mais decepcionantes”.

Burke (1992, p. 12) refere-se a essa escrita da história como história tradicional, uma escrita que apresenta uma visão de cima, dedicando-se aos “grandes feitos dos grandes homens, estadistas, generais ou ocasionalmente eclesiásticos. Ao resto da humanidade foi destinado um papel secundário no drama da história”. Dessa forma, homens, considerados “ilustres” assumiram o papel de protagonistas no registro da história, como heróis responsáveis por grandes feitos históricos e/ou exemplos a serem seguidos.

Dessa forma, havia um distanciamento entre as ciências humanas e a escrita biográfica, principalmente pelo afastamento da biografia em relação à cientificidade. Loriga (2011, p. 33) reitera esse argumento evidenciando que as razões dessa fronteira de separação da biografia com a história enquanto ciência, especificamente, “concernem essencialmente à qualidade científica da verdade”.

Por outro lado, segundo Dosse (2015), no início dos anos de 1980, percebe-se uma mudança, havendo uma diminuição em relação a essa distância. Nas palavras desse autor,

As ciências humanas em geral e os historiadores em particular redescobrem as virtudes de um gênero que a razão gostaria de ignorar. A biografia é reivindicada pela musa da história. Derrubado o muro, assistimos a uma verdadeira explosão biográfica que se apossa dos autores e do público num acesso de febre que dura até hoje. (DOSSE, 2015, p. 16).

Essa mudança refere-se à relação da biografia com a verdade, uma vez que

Tensionada entre a *mimesis* e o imaginário em sua representação do passado, a biografia, por longo tempo, tomou grandes liberdades com a verdade. [...] Sua função social era moral, e pouco importava que os fatos e gestos relatados tivessem ou não existido. O que contava era o modelo e a maneira pela qual as virtudes eram postas à prova [...]. Em nossos dias, admitindo a parte ficcional requerida pela escrita biográfica, o gênero implica um pacto de verdade. [...] o próprio sucesso das biografias é levado por uma intensa necessidade da autenticidade que o leitor espera da biografia. (DOSSE, 2015, p. 408).

Para essa aproximação, Dosse (2015, p. 17) afirma que as biografias nasceram da rotina e, posteriormente, passaram a se nutrir das aquisições das ciências humanas e da história erudita. Assim, “o que antes as desqualificava, a saber, seu caráter inclassificável, passou a ser um trunfo, pois o gênero biográfico está à altura de abrir as portas ao conjunto das ciências humanas e literárias graças à sua receptividade”.

Os escritos biográficos, assim, passam a ser reconhecidos pelos historiadores. Além de fazer parte da história, Loriga (2011, p. 224-225) acentua que a biografia possibilita “um ponto de vista sobre a história, uma discordância, uma descontinuidade”. A autora ressalta ainda que é importante afastar dessa relação a lógica de dominação ou de submissão, tanto da biografia sobre a história, quanto da história sobre a biografia, sendo necessário “conservar a tensão, a ambiguidade, considerar o indivíduo, a um só tempo, como um caso particular e uma totalidade”.

Considerando essa relação da biografia com a história, a partir de outra perspectiva, que escapa da história linear, na qual indivíduos são responsabilizados pelo trunfo da história,

o presente estudo refere-se a uma pesquisa biográfica baseada na historiografia. Quanto a esse aspecto, Chamon (2008, p. 34) afirma que: “na verdade, a relação entre o indivíduo e a história, que no relato biográfico é um problema fundamental e agudo, não é simples e se refere à questão da liberdade”. Não se trata de uma liberdade dicotomizada, na qual, ora o indivíduo é protagonista e atua na história, ora é meramente passivo diante das influências sociais, outrossim exige-se “pensar em liberdade condicionada, em possibilidades sócio-históricas colocadas para o indivíduo, nas quais a sua ação não é apenas uma resposta às estruturas, mas também uma forma de reelaborá-las”.

Levi (2006, p. 168) assegura que a biografia constitui “o canal privilegiado através do qual os questionamentos e as técnicas peculiares da literatura se transmitem à historiografia”. Na relação com o contexto, o mesmo autor considera que a remontagem do contexto histórico e social, em que se desenvolvem os acontecimentos, possibilita a compreensão do que aparentemente se apresenta como desconcertante e sem explicação. E ainda

serve para preencher as lacunas documentais por meio de comparações com outras pessoas cuja vida apresenta alguma analogia, por esse ou aquele motivo, com a do personagem estudado. (LEVI, 2006, p. 176).

Dessa forma, a realidade histórica e social na qual a/o personagem biográfica/o analisada/o está inserida/o permite que as brechas existentes na pesquisa possam ser mais bem esclarecidas. Aquilo que as fontes e documentos não conseguem responder, histórias de personagens que viveram no mesmo período histórico, inserido em contexto similar, podem colaborar para melhor compreensão do que não está explícito nos documentos.

Consideramos pertinente a investigação da trajetória individual de Zilda Diniz Fontes a partir das interferências e influências sofridas e exercidas por ela em seus contextos, ou seja, um estudo biográfico baseado no contexto histórico-social, cultural, observando suas relações e seu movimento nos lugares e espaços ocupados. Ponderamos que, a partir das fontes utilizadas, os aspectos históricos e sociais nos auxiliam na compreensão daquilo que não está esclarecido. Além disso, contribuem para questionarmos essas fontes e confrontá-las, não estabelecendo verdades absolutas a partir do que está posto.

As “vidas” de Zilda Diniz Fontes: movimentos familiares e os lugares na história goiana

Apresentamos as várias mulheres que Zilda Diniz Fontes foi: professora, escritora, poetisa, romancista e dramaturga, representando e dando voz às muitas mulheres que eram silenciadas. Para compreensão da sua constituição e atuação em todos esses espaços, nos

dedicamos ao estudo de suas vivências familiares, considerando o contexto social dessas vivências, a sua formação escolar com o intento de perceber as influências que recebeu para sua atuação.

Além da formação, discorreremos brevemente sobre sua atuação profissional e a reflexão das suas produções literárias e culturais: o livro, as poesias, a novela, os projetos artísticos e as peças teatrais.

Filha da mineira Laudomila dos Reis Diniz (Domila) e do paulista José Mendes Diniz (Juquinha), quarta filha de sete irmãos, Zilda nasceu no ano de 1920 em Morrinhos³. Seus pais se casaram no ano de 1910 na cidade mineira de Ituiutaba (Minas Gerais), mudaram-se para Santa Rita do Paranaíba, hoje chamada Itumbiara (Goiás), onde “Seu Juquinha” iniciou suas atividades de agrimensor. Depois se mudaram para a cidade de Ituverava (São Paulo) e, devido a um negócio malsucedido, retornaram para Itumbiara. Mudar de cidade parecia fazer parte da dinâmica da família.

Em sua obra memorialista *Morrinhos: de capela a cidade dos pomares*, publicada nos anos 1980, Zilda relata a história da vinda de sua família para a cidade de Morrinhos, destacando seu pai como um “vulto morrinhense”⁴.

Fontes (1980, p. 53), discorrendo sobre a história de sua família, destaca que o pai continuou a atividade de medir e dividir terras e sua mãe era professora, mas não entra em detalhes sobre a sua atuação, em que escola lecionava, para qual nível de ensino, durante quanto tempo, também não localizamos outros registros que pudessem oferecer mais informações. Acerca da família, ressaltou ainda que “o casal fez um bom círculo de relações, sendo recebido pelas famílias mais influentes e tradicionais da cidade”. Nessa passagem, percebe-se que Zilda considerava as boas relações cultivadas com as famílias tradicionais e influentes da cidade, um aspecto relevante para seus pais, no entanto, destaca ainda a atuação de seu pai, aparentemente amadora, no teatro.

Apesar de não dar mais pistas sobre como isso se deu, Zilda aponta o gosto do pai pela dramaturgia: “Juquinha convidou um grupo de amigos que gostavam de teatro para

³ A cidade de Morrinhos está localizada no sul do estado de Goiás. Segundo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), possui atualmente uma população estimada em 45.000 habitantes. Recebeu este nome, como afirma Silva (1995), provavelmente devido à três acidentes geográficos, pequenos morros que cercam a cidade e que parecem ter sido os motivadores ao nome da cidade. São denominados como Morro do Ovo, Morro da Saudade e Morro da Cruz (IBGE, 2017).

⁴ Ainda neste capítulo, abordaremos o livro de maneira mais detida. Entretanto, o destacamos aqui pois a própria Zilda conta a história da chegada de sua família em Morrinhos.

experimental ensaiar uma peça e levá-la em cena. A sugestão foi aceita e a peça apresentada, seguida de algumas outras” (FONTES, 1980, p. 53). Pela ausência de documentos e fontes, não conseguimos mais informações das peças teatrais produzidas por Juquinha e seu grupo.

No início dos anos 1920, sua família se mudou para Morrinhos:

Era intenção de Juquinha permanecer alguns anos em Morrinhos, até reunir pecúlio, e voltar depois para o seu estado. O campo de trabalho era vasto, sem concorrentes, e o agrimensor em pouco tempo se viu assoberbado de serviço tendo conseguido impor-se por sua capacidade e honestidade. [...] Os planos de volta para São Paulo foram esquecidos, com Juquinha e Domila completamente integrados entre as famílias morrinhenses, a ponto de sentirem-se morrinhenses também. (FONTES, 1980, p. 54).

Percebe-se, pela descrição de Zilda, que o pai obteve êxito financeiro na cidade com a atividade de agrimensor que desempenhava. O sucesso financeiro pode ter sido consequência do desenvolvimento econômico do município no início de século XX, ligado à agropecuária e à valorização de terra. Como destaca Fonseca (1998, p. 105), a cidade constava com 1172 estabelecimentos rurais, segundo o censo de 1920, número que colocava Morrinhos como o maior município do estado de Goiás:

Os 1172 estabelecimentos recenseados variavam de uma área para outra de até 40 hectares (39,33%), a mais de 25 mil hectares (0,17%), sendo que a área média dos primeiros era de 10 hectares e dos segundos de 38.720 hectares. Mais de 50% destes 489.085 hectares, e os dois maiores, mediam sozinhos, quase 80.000 hectares. Além destes existiam outros latifundiários.

Além das marcações e medições de terras, Fontes (1980, p. 55) salienta que “sentindo a importância que o automóvel iria desempenhar”, colaborou na construção de estradas que ligam a cidade de Morrinhos a Caldas Novas e à cidade de Santa Rita do Pontal (hoje Pontalina). Além das atividades de agrimensor, a autora destaca ainda as atividades do pai de Zilda na política, no comércio, na indústria e também na educação.

Na política, Juquinha foi Conselheiro Municipal⁵, eleito para o período de 1919-1923 e nomeado em 1930; na indústria construiu a fábrica de manteiga *Coroada*, em Morrinhos, e a fábrica de banha *Goianaz*, em Goiânia. Sobre sua atuação no comércio e detalhes da sua atuação na indústria, não conseguimos informações mais detalhadas devido à ausência de documentos. Na educação, Zilda sublinha que seu pai colaborou com fundação, em 1921, ao

⁵ Conforme relatam Tótora e Chaia (2002) os Conselhos Municipais foram instituídos como órgãos de ação política, organizados como espaços públicos de participação direta de cidadãos, ligados a partidos políticos ou não, nas decisões políticas.

lado de Jonas Brigadão, possivelmente seu sócio, de uma escola privada para meninas, chamada de Externato Santa Cecília.

Considerando o contexto familiar de Zilda, ponderamos ainda sobre a constituição da sua formação escolar. Destacar a sua formação se faz importante para reconhecer, em sua trajetória, um percurso que pode não ser determinista, mas que certamente influenciou os lugares em que esteve e atuou.

Em Fontes (1980), ela relata que cursou o primário no Grupo Escolar Coronel Pedro Nunes e, na sequência, fez o Curso Complementar e o 1º ano do Curso Normal na Escola Normal de Morrinhos.

No início da década de 1930, Zilda prosseguiu com seus estudos no Curso Normal, período marcado por importantes mudanças no cenário político e educacional no Estado de Goiás e no Brasil. Segundo Campos (2003) a posse de Alfredo Lopes de Moraes na presidência do Estado de Goiás, significou alterações no cenário político, pois apresentou desde a campanha um discurso liberal. Quando tomou posse em julho de 1929, compôs seu secretariado com integrantes adversários ao grupo caiadista. Ribeiro (1998, p. 191) destaca que

Ao final do governo de Alfredo de Moraes, estava em curso o processo da Revolução de 1930, que retirou a hegemonia dos caiados em Goiás. Com a vitória da Aliança Liberal, a Junta Governativa Pedro Ludovico/Emílio Póvoa/ Mario Caiado derrotou Totó Caiado, que se retirou da capital.

Esse período em Goiás significou a vitória da Revolução de 1930. Assis (2005) confirma que os Caiados foram retirados do poder e a figura do coronel Pedro Ludovico Teixeira ascendeu no cenário político, com apoio o de Getúlio Vargas.

A Revolução de 1930 constituiu um marco importante na História do Brasil. Em outubro daquele ano, Getúlio Vargas passava a comandar os destinos da nação, compondo um quadro de rupturas e permanências em relação ao período anterior de nossa história.[...] Getúlio representava velhos coronéis, articulando uma aliança heterogênea com setores militares e classe médias urbanas, aglutinando forças suficientes para tomar o poder em 1930. (ASSIS, 2005 p. 111).

O empreendimento de uma nova capital para o Estado, para Pedro Ludovico e Getúlio Vargas, tinham significado político, econômico e simbólico. Na área política, significava a derrota da soberania dos Caiados; no âmbito da economia, simbolizava a integração do estado com o sistema produtivo nacional e representava o avanço capitalista; e, simbolicamente, “Goiânia representava a nação brasileira, que se erguia de seu marasmo histórico, para dar um

passo efetivo na conquista do território e na afirmação de sua soberania”. (ASSIS, 2005, p. 116).

Em 1932, uma comissão foi nomeada para escolher a localidade de instalação da nova capital do estado. Diante da sua topografia e proximidade à estrada de ferro, Campinas foi escolhida. Em 24 de outubro de 1933, Assis (2005) acentua que as obras de construção iniciaram, após ser lançada a Pedra Fundamental de Goiânia.

No ano que iniciou a construção da capital, Zilda prosseguiu com seus estudos ingressando no 2º ano do Curso Normal, no Colégio Santa Clara, localizado em Campinas, a então conhecida como Campininha. O Colégio foi fundado em 1922 pelas Irmãs Franciscanas Maria Bonifácia Vordemayer, Maria Menedita Tafelmeier, Maria Ludmilla Schoropp e Maria Willibalda Mayer, vindas da Alemanha. Segundo Menezes (1981), este fora o segundo colégio em regime de internato para meninas a funcionar no estado de Goiás, o primeiro a disponibilizar internato feminino no estado foi o Colégio Santana na cidade de Goiás, antiga capital do estado, fundado pelas Irmãs Dominicanas Francesas. Sobre os Cursos Normais em Goiás, Brzezinski (2008) salienta que o primeiro Curso Normal foi público, instalado anexo ao Liceu de Goiás, em 1884, com duração de 3 anos. A autora destaca ainda que esse “Plano de Estudos sofreu influências do ideário positivista que atravessava, nesta ocasião, a sociedade pré-republicana brasileira” (BRZEZINSKI, 2008, p.13).

Tratava-se de um colégio privado religioso, em regime de internato, para meninas, dirigido por mulheres religiosas com objetivo de formar professoras normalistas. Para a época, sair de casa para estudar, na condição feminina, tinha significados relevantes, pois mesmo uma boa parte das mulheres de “famílias de proa”, não eram educadas para ter qualquer profissão. Portanto, consideramos que a ida de Zilda com treze anos para o Colégio, distante pelas condições de comunicação daquele momento, teve um significado importante na sua formação, em especial quando observamos o cotidiano do Colégio, principalmente em relação às atividades voltadas para a formação artística.

A partir do próprio relato de Zilda, ela afirma a importância da formação recebida no colégio para o desenvolvimento do seu trabalho depois que se tornou normalista quando diz que

O Santa Clara procurava preparar as alunas para a vida que esperava nas suas cidades. Devo-lhe uma grande parcela do meu trabalho em Morrinhos. Sou professora de Português, escrevo e dirijo peças teatrais, tendo fundado, com minha irmã Nilza (ex-aluna interna do Santa Clara) uma Sociedade Dramática e Literária. Já levei ao palco umas 20 peças. Uma delas foi apresentada em Goiânia, no ano passado, por ocasião do Festival do Teatro. Tenho também uma novela que foi

apresentada na rádio daqui. Fui secretaria da Pia União durante seis anos. Fiz parte do coro da Igreja e fui também catequista. Lembro-me de ter convivido no Santa Clara com alunas de Trindade, Campo Formoso (Orizona), Leopoldo de Bulhões, Anápolis, Vianópolis, Corumbá, Itaberaí, Jaraguá, Inhumas, Ribeirão, Bela Vista, Piracanjuba, Cumari, Aracati, São José do Tocantins, Pindamonhangaba (SP), Jacareí (SP) e até do Maranhão.(MENEZES, 1981, p. 134).

Notamos nos destaques da citação que a própria Zilda reconhece a importância e a influência recebida no Colégio Santa Clara. Ela destaca as atividades profissionais e artísticas ressaltando a preparação do Colégio para a vida em suas cidades, demonstrando que a sua formação educacional e cultural no Curso Normal contribuiu com o desenvolvimento do seu trabalho profissional e artístico em Morrinhos.

Zilda Diniz Fontes concluiu o Curso Normal no Colégio Santa Clara em 1935 e retornou para Morrinhos, normalista, com quinze anos de idade. Voltou para sua cidade natal e segundo indícios das fontes, a partir das experiências vividas durante sua formação no Colégio Santa Clara, logo iniciou suas atividades, conciliando o teatro e o magistério:

Odila Costa, sua irmã Maria Amélia e eu havíamos estudado no colégio Santa clara, de Goiânia. As irmãs que o dirigiam gostavam muito de teatro e três vezes no ano havia espetáculo[...] De lá trouxemos algumas peças e combinamos de ensaiá-las[...] Reunia-se a turma em casa de Odila e Maria Amélia todas as tardes, para os ensaios, tanto do drama quanto de outros números variados e mais uma pequena comédia[...] lecionando no Colégio, em constante contato com as Irmãs passei a dirigir os ensaios de seus números de dança e de suas peças nas quais muitas vezes tomei parte também como artista. (FONTES 1980, p. 100-101).

Como era comum às mulheres da época, Zilda também constituiu sua própria família, seguindo o que era comum em grande parte do universo feminino: matrimônio e maternidade. Em maio de 1944, casou-se com Darli Fontes, agrimensor como seu pai, e tiveram quatro filhos: Sandra Diniz Fontes Campos, nascida em 1945; Flávio Diniz Fontes, nascido em 1947; Nadya Diniz Fontes, nascida em 1949, e Cláudio Diniz Fontes, nascido em 1951.

Destacamos a constituição familiar de Zilda, compreendendo que ela se dividia entre as atividades profissionais, que abordaremos a frente, e as atividades conjugais e maternas. O que não era incomum na sociedade morrinhense, desde as primeiras décadas do século XX, como destaca Fonseca (1998, p. 140),

a história social das mulheres das classes dominantes está longe de ser uma história de clausura e passividade. Ao contrário, eram empresárias, formadoras dos filhos, administradoras de suas propriedades. Exerciam o papel de aglutinadoras do grupo familiar, trabalhavam contra as ameaças de desagregação que poderiam resultar em perdas de privilégios.

Fonseca (1998, p. 141) evidencia ainda que “As mulheres dos grupos mais ricos de Morrinhos não estavam confinadas aos seus limites, viajavam bastante, não só pelo Brasil, mas também pela Europa[...]. Não eram, de forma alguma, mulheres ignorantes”. Todavia, não representavam a maioria das mulheres, já que grande parte delas ainda estava restrita aos ambientes domésticos, sendo destinado a poucas o trabalho evidenciado na história da cidade: “Mas, por outro lado, não se pode negar sua presença constante nas referências bibliográficas e documentais, o que pode ser interpretado como muito bom sinal num mundo que era governado oficialmente apenas por homens” (FONSECA, 1998, p. 142).

Assim, ponderamos que Zilda fora uma dessas mulheres que, mesmo seguindo o caminho comum do matrimônio e da maternidade, não ficou restrita a ele. Os indícios que nos confirmam essa afirmação emanam do fato de ela ter seguido com sua formação profissional, mesmo depois de ser esposa e mãe.

Sua formação seguinte foi Licenciatura curta em Português e Desenho, em Goiânia, pela Campanha de Aperfeiçoamento e Difusão do Ensino Secundário (CADES). Segundo Rabelo e Ribeiro (2011), esse projeto foi implantado pelo governo federal em 1953 com o intuito de preencher a falta de professores habilitados em formação superior. A CADES promovia cursos de curta duração, cerca de um mês, voltados para professores que, apesar de não terem formação superior, já atuavam. No caso de Zilda, a disciplina para a qual se tornou oficialmente autorizada foi Português (VALDEZ e BENTO, 2017).

Normalista e licenciada em Português, Zilda também cursou Pedagogia, com Habilitação em Administração e Supervisão, na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras (FAFI), na cidade de Ituiutaba (MG), tendo concluído o curso em 1976. Como nos aponta Bese (2007), a criação da FAFI aconteceu em 1970 a partir da decisão de sua instalação pela Fundação Educacional de Ituiutaba. A autorização para o funcionamento da faculdade ocorreu em 20 de maio de 1970, assinada pelo então presidente militar, Emílio Garrastazu Médici, terceiro que assumiu o poder durante a ditadura civil militar. Sobre os cursos, Bese (2007) afirma que o primeiro vestibular dessa instituição foi para os cursos de Ciências Biológicas, Matemática, Letras, Pedagogia e História.

Isto posto, observamos que, além da influência familiar, a formação educacional de Zilda também a constituiu como professora e autora de atividades artísticas e culturais. Percebemos que fez parte de um restrito grupo de mulheres que, também graças à condição financeira da família, pôde formar-se normalista e ingressar no magistério. Inferimos ainda que mesmo seguindo o caminho costumeiro às mulheres da época, que era se casar e ter filhos,

também fez parte de uma parcela da considerada “elite” morrinhense que tinha condições financeiras de seguirem investindo na formação profissional.

Assim, versado sobre a constituição e fragmentos da história familiar de Zilda e sua formação educacional, pontuamos brevemente sua atuação profissional e direcionamos nossos apontamentos para as suas “várias vidas” enquanto memorialista, poetisa, novelista, autora de projetos culturais e de peças teatrais.

Observamos que o movimento profissional de Zilda no magistério foi bem diversificado, já que atuou em várias instituições de ensino na cidade de Morrinhos. Diante dessa diversidade de espaços formais, elencamos algumas dessas instituições que ainda se encontram em funcionamento: Ginásio Senador Hermenegildo de Moraes, Colégio Estadual Xavier de Almeida e Colégio Estadual Sylvio de Mello.

No Ginásio Senador Hermenegildo de Moraes, Zilda Diniz Fontes iniciou suas atividades no ano de 1942, no curso primário e no secundário com a disciplina de Português. Zilda se ausentou da instituição em 1944, quando se casou, e retornou em 1953, permanecendo até 1971, segundo o que consta em registros de ponto e de folhas de pagamento da instituição.

O Colégio Estadual Xavier de Almeida (CEXA) foi outra instituição de ensino que Zilda também atuou como professora. Silva (1995) registrou que Zilda pertenceu ao quadro de professores desde a fundação, em 1954, inicialmente com a disciplina de Desenho e, depois para os cursos técnicos, com a disciplina de Português. Em 1967, foi designada também a fazer parte do Conselho Técnico Administrativo do CEXA, juntamente com outros professores. E em 1974, pela Portaria nº 295 da Secretaria de Educação e Cultura de Goiás, foi nomeada diretora da instituição, cargo que permaneceu até o seu falecimento, em 1984.

Destacamos, ainda, o Colégio Estadual Sylvio de Mello (CESM) que também foi uma das instituições de ensino em que Zilda atuou. Antes da criação do Colégio, Silva (1995) afirma que alguns professores foram nomeados para comporem uma comissão para elaboração do regimento interno do CESM, Zilda participou desse grupo. Como professora, atuou principalmente no curso de magistério.

Além da atuação com professora, apresentamos as outras “vidas” de Zilda enquanto normalista, poetisa, novelista e teatróloga. Em *Morrinhos: de capela a cidade dos pomares*, Zilda, no lugar de autora memorialista, escreveu:

Prometi que tentaria e dou agora por encerrada a tarefa [...]. Inúmeras falhas serão encontradas, bem o sei, algumas provenientes das fontes de pesquisa, outras minhas mesmo. Sinto-me, porém, em paz com a consciência porque, por mais modesta que

seja a minha contribuição para o conhecimento da terra onde nasci, será sempre uma contribuição. O caminho está aberto. Que outros o sigam. (FONTES, 1980, p. 13)

Dessa forma, ela esclarece em seu único livro, escrito e publicado no ano de 1980, que a sua produção se deveu a uma promessa feita ao Pe. Antônio Fernandes dos Santos⁶, que já havia solicitado a ela e a outros a tarefa de escrever a história de Morrinhos. O livro está dividido em sete capítulos: Histórico, Vultos Morrinhenses, Teatro, Letras, Música, Artes plásticas e Festa de Arte.

Vale reforçar como se caracteriza a pesquisa de obras memorialistas. Segundo Domingues (2011, p. 2):

Muitas vezes esses escritores realizam e realizaram pesquisas de fôlego, debruçando-se durante anos sobre arquivos apesar de quase sempre não divulgarem quais foram os arquivos pesquisados, não utilizarem referências, e, às vezes, na escrita, misturarem o que é de sua autoria com citações de documentos consultados ou de autores lidos. Esses escritores partem muitas vezes de textos de historiados, mas seguem caminhos totalmente diferentes dos acadêmicos.

Destacamos o livro de Zilda Diniz Fontes como obra de relevância para nosso estudo, pois se apresenta como uma representação da realidade histórico-social, sob a perspectiva da autora. Não nos cabe e tampouco é nossa pretensão afirmar que o livro de Zilda retrata verdades ou mentiras, menos ainda diminuir a relevância do seu trabalho para as pesquisas históricas. O que nos compete é partir dos indícios identificados, tê-los como fonte relevante ao nosso estudo e confrontar as informações encontradas.

Sobre os indícios que identificamos nas fontes, Pesavento (2007, p. 27) nos explica que eles ocupam o lugar do acontecimento, substituindo-o,

por assim dizer, representações do acontecido, e que o historiador visualiza como fontes ou documentos para sua pesquisa, porque os vê como registros de significado para as questões que levanta. Estamos, pois, diante de representações do passado que se constroem como fontes através do olhar do historiador. Mas não esqueçamos que o historiador da cultura visa, por sua vez, a reconstruir com as fontes as representações da vida elaboradas pelos homens do passado.

Aqui, nos dedicamos a outros espaços ocupados por Zilda Diniz Fontes, espaços esses que também ajudam a entender os fragmentos de sua trajetória de vida. Acerca de fontes para

⁶ Fez parte da Associação dos Padres e Religiosos Estigmatinos, enviado à cidade de Morrinhos para assumir a direção do Ginásio Senador Hermenegildo de Moraes, durante 1950-1952 e 1958-1964 (SANTEE, 2017).

as pesquisas historiográficas, na perspectiva da História Cultural, Pesavento (2007, p. 59) esclarece que

fontes são marcas do que foi, são traços, cacos, fragmentos, registros, vestígios do passado que chegam até nós, revelados como documento pelas indagações trazidas pela História. Nessa medida, elas são fruto de uma renovada descoberta, pois só se tornam fontes quando contêm pistas de sentido para a solução de um enigma proposto. São, sem dúvida, dados objetivos de um outro tempo, mas que dependem do historiador para revelar sentidos. Elas são, a rigor, uma construção do pesquisador e é por elas que se acessa o passado.

Assim, com o intuito de “acessar” vestígios do passado de Zilda, recorremos às suas produções, buscando ainda compreender os seus movimentos em espaços diversificados. Dessa forma, apresentamos aqui a novela radiofônica⁷ que escreveu em 1967 e suas poesias escritas entre as décadas de 1960 e 1980.

Em Morrinhos, a Rádio Morrinhos foi considerada a primeira rádio oficialmente criada na cidade, fundada em 1963. Santos e Luz (2014) salientam que esta rádio foi criada por iniciativa de dois radialistas de Minas Gerais, Aledo e Fauze Abidulmassih. Os indícios da fonte nos apontam que possivelmente fora esta rádio que veiculou a novela de Zilda, principalmente por ter sido fundada pouco tempo antes da escrita da novela (em 1967). Todavia, diante da ausência de documentos⁸, não sabemos de mais informações sobre a veiculação da novela, assim como os dias da semana em que a novela era transmitida, quanto tempo ficava no ar, ou mesmo o tempo de duração da transmissão da novela completa.

Apesar de não conseguir mais detalhes da sua veiculação na rádio, destacamos a atuação de Zilda enquanto novelista por considerarmos relevante a sua atuação na dramaturgia escrita para a rádio, com a tentativa de mitigar o desconhecimento existente acerca das novelas radiofônicas. Calabre (2007, p.67) nos alerta sobre isso, caracterizando as novelas radiofônicas como desconhecidas, assim, a autora afirma que

as novas gerações não têm nenhuma noção do que tenha sido, ou do que possa ser, uma novela radiofônica, onde a imaginação individual complementa a ausência das imagens, possibilitando aos heróis e aos vilões ter tantas faces quantos sejam os ouvintes que acompanhem atentos ao desenrolar das tramas.

⁷ Tivemos acesso aos cadernos manuscritos de Zilda com a história completa da novela, a data da escrita, a relação dos atores que participaram e agradecimentos da rádio que veiculou a novela, a Rádio Morrinhos. São 7 cadernos manuscritos, em que são especificados os capítulos e as falas dos(as) personagens.

⁸ Além da busca por documentos, tentamos ainda contato com a direção, funcionários da rádio e com pessoas que atuaram na novela como atores, mas nos disseram que não possuem arquivos com registro da transmissão da novela.

A trama da novela de Zilda, “Apenas uma esperança”, escrita em 1967⁹, conta a história de um romance entre o mocinho de família rica, Eduardo Góis de Camargo, e a mocinha pobre, Cecília. Eles se apaixonaram, casaram-se e tiveram dois filhos, mas por intriga da família dele (mãe e irmão), foram separados, o que a distanciou dos filhos. Depois de anos, o irmão à beira da morte, arrepende-se e conta a verdade sobre as mentiras inventadas para separar Eduardo de Cecília. Ele a procura, ela o perdoa e, ao final, ficam juntos e felizes. A trama da novela é composta por 36 capítulos, com a especificação das falas de cada personagem.

Além de escritora e romancista, consideramos também a professora Zilda poetisa. Neste estudo, assim como o livro e a novela, consideramos as suas poesias¹⁰ como fontes históricas para nossas reflexões acerca dos seus movimentos em espaços além das instituições de ensino. Entendemos que, por meio das poesias expressando suas subjetividades e suas emoções, Zilda também apresentou suas concepções de realidade, das vivências e experiências vividas.

A respeito das possibilidades das poesias enquanto fonte para a pesquisa histórica, consideramos as ponderações de Pesavento (2007, p. 34) quando afirma que

Toda experiência sensível do mundo, partilhada ou não, que exprima uma subjetividade ou uma sensibilidade partilhada, coletiva, deve se oferecer à leitura enquanto fonte, deve se objetivar em um registro que permita a apreensão dos seus significados. O historiador precisa, pois, encontrar a tradução das subjetividades e dos sentimentos em materialidades, objetividades palpáveis, que operem como a manifestação exterior de uma experiência íntima, individual ou coletiva.[...] Mesmo que tais representações sensíveis se refiram a algo que não tenha existência real ou comprovada, o que se coloca na pauta de análise é a realidade do sentimento, a experiência sensível de viver e enfrentar aquela representação. [...] Nessa medida, o mundo do sensível é talvez difícil de ser quantificado, mas é fundamental que seja avaliado pela História Cultural.

Logo, apresentamos aqui, de forma concisa, as poesias de Zilda a partir dessa perspectiva, como fontes para as nossas interpretações e reflexões sobre suas escritas. Optamos por dividir as poesias sob três temáticas: familiar, social e sentimental. Na temática familiar, elencamos as seguintes poesias: *Uma Vez Mais*, em que faz referência à saudade da mãe que faleceu; *Aquele Retrato*, em que fala sobre lembranças tristes; *A Meus Filhos*, no qual expressa lembranças e saudades dos filhos; e *Poema para Minha Mãe*, em que

⁹ A data de 1967 consta em um dos capítulos, mas devido a ausência de acesso à documentos, não sabemos se realmente foi ao ar nesse mesmo ano, por isso nos referimos à data da escrita.

¹⁰ A partir de arquivos da família, tivemos acesso a alguns poemas escritos por Zilda, em cadernos manuscritos da própria autora. Nos referimos a alguns pois não podemos afirmar que os poemas a que tivemos acesso foram os únicos que ela escreveu. Assim, esclarecemos que nos limitamos apenas àqueles a que tivemos acesso.

novamente expõe a falta que sente da mãe. Observamos que sob essa temática, há a referência a saudade e a lembranças tristes em relação à mãe e aos filhos

Na temática social, distinguimos as seguintes poesias: *A Benção, Madrinha*, em que se refere a Luzia, mulher negra que considerava madrinha; *Lar D. Francisca Nazaré de Moraes*, no qual relata sobre meninas abandonadas que vivem nas ruas e em um orfanato, com o qual o Estado é ausente; *Protesto*, apresentando lamentos e denúncias quanto à morte de Edson Luís, estudante assassinado por militares no RJ; *Mecanismo*, no qual expressa sua decepção em relação às pessoas que vivem como objetos, que não pensam, não sentem e não agem; *Professor*, em que se refere à resistência do professor e também denuncia a desvalorização do seu trabalho; *Impacto*, no qual faz referência aos acidentes de trânsito, lamentando a morte de um homem; *Trovas*, em que apresenta denuncia em relação às diferenças existentes entre ricos e pobres; *Criança*, no qual declara o sofrimentos vivido por crianças abandonadas; e *Balada do Menino Excepcional*, em que descreve a triste realidade vivida por crianças deficientes, responsabilizando os pais, professores e escola pelo seu bem-estar.

Por fim, caracterizamos como temática sentimental as seguintes poesias: *Fragmentos*, em que expressa tristeza e lamentação pelo ano que passou; *Realidade*, que se refere à realidade da vida: sonhos, glórias, luta, vida e morte); *Poesia – Essa Deusa Esquiva*, em que se enfatiza a poesia como uma alternativa para as dificuldades de um “caminho escuro”); *Insônia*, na qual se encontra a descrição de noites de insônia, com sentimentos de saudades; *Rabiscos*, em que se reflete sobre sonhos, morte e sentimento de esperança; *A Velha Igreja*, que homenageia uma igreja fechada; e *Fim ou Princípio?*, em que se retrata a tentativa de manter a vida, entretanto, ela se vai.

Assim, podemos apreender que as poesias, enquanto fontes, nos dão pistas de algumas das perspectivas de Zilda sobre sua realidade e suas experiências. Identificamos suas inquietações quanto aos problemas sociais, a relação afetiva com a família e sua expressão sentimental acerca de situações diversas. Dessa forma, suas poesias expressam suas sensibilidades a respeito da sua realidade, de sua vivência.

Sendo assim, apresentamos a atuação de Zilda Diniz Fontes fora das instituições escolares, enquanto escritora, romancista, poetisa, cientes de que ela não inaugurou a presença feminina na literatura e nem mesmo significou um marco para a dramaturgia de autoria feminina. Todavia, salientamos que haver produções literárias de autoria feminina não garantiu o seu reconhecimento. Como nos apontam Guimarães (2014, p. 10), ao afirmarem que

A escrita de mulheres não é fato raro, nem novo. A intensa produção literária feminina, entretanto, não se reflete no número de publicações de obras de mulheres. Deixada à margem dos processos editoriais por muitos anos, a literatura produzida pelas mulheres, em determinados momentos, ficou circunscrita à vida familiar, e tratada como uma espécie de atividade doméstica ilustrada, ou como um desabafo sem importância estética.

Além de professora, escritora, romancista e poetisa, Zilda Diniz Fontes também atuou em atividades culturais da cidade, com a idealização e criação da Festa de Arte de Morrinhos, festa essa que completou, em 2018, 38 anos de realização. Fontes (1980, p. 233) afirma que ideia da Festa de Arte surgiu com o intuito de mostrar “ao povo o que em Morrinhos se fazia mas se guardava quase sempre para a apreciação do próprio artista ou, quando muito, para um grupo reduzido de amigos”.

Assim, é importante considerar que até aqui apresentamos fragmentos da trajetória das “várias vidas” de Zilda Diniz Fontes a partir de reflexões acerca das influências recebidas, bem como os seus movimentos em diversificados espaços. Compreendemos que a sua trajetória se constituiu a partir de suas vivências familiares, perpassando pela sua formação educacional. Além do espaço formal da escola, seja ele enquanto aluna ou professora, Zilda também se fez presente na literatura, expressando perspectivas, interpretações e sua subjetividade acerca da realidade, de suas vivências e das experiências vividas por ela.

Além das produções que até aqui conhecemos, destacamos a trajetória de Zilda na dramaturgia por meio de um estudo de suas produções textuais.

Zilda “entra em cena” – a sua história na dramaturgia e suas outras nove histórias

Dentre os lugares que Zilda ocupou, entre professora, escritora, poetisa, romancista, autora de projetos culturais, decidimos eleger, como recorte de estudo a sua atuação na dramaturgia¹¹. Justifica-se este recorte por sua dedicação à dramaturgia, possuindo nove peças de sua autoria, assim como o enfrentamento e persistência em proporcionar acesso ao teatro às crianças e adolescentes quando o teatro não era reconhecido como uma forma de educar. O teatro fez parte de sua vida desde a infância, com a referência paterna exercida ativamente na cidade de Morrinhos, assim como na adolescência durante o curso Normal no Colégio Santa Clara, local que a possibilitou adquirir experiências artísticas, sendo uma delas o teatro.

¹¹ O termo dramaturgia é usado neste estudo a partir de Zorzetti (2014b), que se refere a atuação teatral de Zilda Diniz Fontes como dramaturga e às suas peças teatrais como dramaturgia relevante para o cenário teatral da cidade de Morrinhos.

Por se tratar de uma produção na qual enfatiza-se a participação de uma mulher, Zilda Diniz Fontes, a frente da dramaturgia, salientamos como relevante a presença feminina na “cena teatral” goiana, pois tratava-se, como destacou Zorzetti (2014b), de uma sociedade preconceituosa e arraigada de dogmas religiosos. Trata-se de um ambiente no qual as mulheres tiveram que enfrentar dificuldades além das já impostas à atividade teatral, já que estavam se propondo, para não dizer desafiando, a assumir lugares sociais que ainda não eram bem quistos para elas.

Diante dos indícios do cenário teatral goiano apresentado por Zorzetti (2014a; 2014b), observamos que Zilda Diniz Fontes foi mais uma personagem que esteve “em cena” no teatro existente e desenvolvido no estado de Goiás. Sabemos que não foi pioneira, mas representou mais uma personagem mulher como atriz, diretora e escritora de peças teatrais, na cena teatral no interior do estado. Para tentar compreender como se deu a sua “vida” como teatróloga, buscamos entender mais as origens de sua opção e interesse pelo teatro.

A trajetória teatral de Zilda Diniz Fontes em Morrinhos se iniciou na década de 1960 com a criação do grupo amador Juquinha Diniz e com a fundação da Sociedade Dramática e Literária de Morrinhos. Zilda Diniz Fontes, em parceria com sua irmã Nilza Diniz Silva, formou um grupo de teatro amador. Antes de sua iniciativa, Fontes (1980) destaca algumas de suas atuações em peças teatrais apresentadas em escolas de Morrinhos. Afirma que algumas apresentações aconteceram, no entanto, a partir de 1944, quando se casou, deixou de lecionar e de se dedicar à atividade teatral por um tempo, retomando esse projeto a partir de 1960.

Fontes (1980) relata que, em 1962, o grupo amador, conhecido posteriormente como Grupo Teatral Juquinha Diniz, foi formado inicialmente com seus alunos do Colégio Estadual Xavier de Almeida para apresentação da peça *A Flor dos Maridos*, de autoria de Armando Gonzaga. Com os alunos do Ginásio Senador Hermenegildo de Moraes e da Escola Técnica de Comércio “Gaspar Bertoni”, Zilda e sua irmã Nilza formaram outro grupo para apresentação da peça *Feia*, de Magalhães Júnior. Sobre a apresentação, a autora afirma que “Um bom público compareceu às duas estreias. O interesse pelo teatro tinha avivado em Morrinhos” (FONTES, 1980, p.103).

Algumas experiências ruins foram vivenciadas em apresentações nas cidades da vizinhança de Morrinhos. Segundo Fontes (1980), uma das decepções ocorrera em 1964, quando o grupo fora apresentar a peça *Cala a boca, Etelvina*, de Armando Gonzaga¹². Conta

¹² A peça teatral refere-se a uma comédia: “Etelvina é uma jovem empregada que trabalha para Adelino e sua esposa. O casal passa por grandes problemas financeiros. A esposa, cansada da situação, resolve voltar para a

que chegaram à cidade (não consta o nome da mesma), não havia nada preparado no palco reservado e, durante a apresentação, a plateia não se envolveu, demonstrando inquietação e até decepção pois alguns esperavam que seria a apresentação de uma dupla de violeiros. Essa decepção e falta de receptividade da plateia se repetiu com a peça *Da. Xepa*, de Pedro Bloch, na cidade de Ituiutaba, em Minas Gerais. Após essas decepções, o grupo se ateve a apresentações em Morrinhos, no Jôquei Clube da cidade. Outras peças foram preparadas, ensaiadas e apresentadas, como *A Rosa das Sete Saias*, *Society em Baby Doll*, descritas por Zilda como textos mais modernos.

Além de várias peças que dirigiu e apresentou, Zilda Diniz Fontes escreveu nove peças teatrais e dirigiu oito delas, entre o fim da década de 1960 e início dos anos de 1980. As peças teatrais nos foram disponibilizadas em material datilografado¹³, com a identificação do título, divididas em dois ou três atos, com a especificação da fala de cada personagem, variando de 8 páginas (a história menor) a 63 páginas (a história maior). As peças são intituladas como: *Por quê?* (1968), *Tudo na vida tem seu preço* (1969), *Quem será o próximo?* (1970), *Ela* (1973), *Cheretildo Tildo* (1978), *Socorro, macaco palhação!* (1979) *A Comandante (fantoche)* (1981), *Os invasores* (1982), *Com estas mãos* (início dos anos de 1980).

As peças nos apresentam diversos temas abordados nas nove histórias que descrevemos. Diante disso, considerando a proximidade dos assuntos, os organizamos em três temas: família e mulher, social e ambiental. Na temática família e mulher, salientamos que foi feita a junção dos dois assuntos por perceber que, na maioria delas os problemas familiares apresentados incluem a mulher na trama, retratando também os preconceitos e discriminações sociais sofridas pelo público feminino, o que se pode observar em: *Por quê?*, *Tudo na vida tem seu preço*, *Quem Será o próximo?*, *A Comandante* e *Os Invasores*.

Nessa temática, Zilda conta histórias que, com a ausência da figura masculina, a figura feminina é destacada, ressaltando a sua atuação como protagonista. Assim, consideramos que a autora possibilitou a reflexão e reconhecimento desse tipo de composição familiar e, ainda, por meio das tramas e conflitos vividos pelos personagens, Zilda denuncia, ao público que teve acesso às apresentações, os preconceitos sofridos por essas famílias, principalmente as mulheres.

casa de sua mãe. Porém, um rico fazendeiro do Mato Grosso, tio de Adelino, vai visitar seu sobrinho e confunde a empregada da casa, Etelvina, com a esposa que abandonou o lar. Para evitar explicações embaraçosas, Adelino passa então a tratar Etelvina como sua mulher” (BRASIL, c2019).

¹³ Todas as peças teatrais de autoria de Zilda, analisadas no presente estudo, fazem parte do material de acervo de familiares ao qual tivemos acesso.

Além da temática família e mulher, destacamos também o tema social abordado nas histórias de Zilda. Ponderamos como relevante esse tema pois a autora retratou vários problemas sociais existentes na sociedade, que eram enfrentados pelas famílias: retratou as desigualdades sociais entre ricos e pobres; as consequências e dificuldades enfrentadas pela pobreza como a falta de moradia e a marginalidade; os preconceitos enfrentados por ex-presidiários e a dificuldade da reinserção social dos mesmos, bem como a importância dessa reinserção como possibilidade de regeneração; a retratação de deficiências (cegueira) e inclusão de idosos (com distúrbios mentais) na família, como é retratado na peça *Quem será o próximo?*; e as consequências e sofrimentos causados pela guerra, principalmente para os pobres. Incluímos também na temática social a referência religiosa que Zilda fez na peça *Ela*, em que o personagem chamado Emanuel faz discursos religiosos, com conselhos e bênçãos. Como já salientamos, essa foi a única relação com a religião que percebemos na trajetória na dramaturgia de Zilda. Nessa peça, percebemos ainda a possibilidade de a autora também referir-se, de forma velada, às consequências da repressão violenta ocorrida durante o período de regime militar.

Ressaltamos a importância do tema social abordado pela autora nas peças, salientando que eram problemas que possivelmente não faziam parte da vivência de Zilda, ainda assim, ela utilizou o espaço teatral dos espetáculos como oportunidade de divulgar as dificuldades enfrentadas pela população marginalizada e propiciar, por meio da dramaturgia, reflexões necessárias acerca das desigualdades sociais e as consequências negativas vividas por essa população.

Por fim, evidenciamos a temática ambiental destacada por Zilda nas peças infantis *Cheretildo Tildo* e *Socorro, Macaco Palhação!*. As histórias abordam a relação do homem (representando o adulto) e das crianças com a natureza, enfatizando as suas ações predadoras contra os animais e devastadoras do meio ambiente. No desenvolver das tramas, a autora demonstra a necessidade e a importância de as crianças e os adultos protegerem os animais e de cuidarem da natureza, já que o ser humano depende dela para sobreviver. Nesses enredos, Zilda possibilita, principalmente ao público infantil, o aprendizado da relação saudável com a natureza, oportunizando de forma lúdica, a compreensão da relevância de se proteger a fauna e a flora.

Dessa forma, a partir da diversidade de temas abordados pela autora nas peças, ponderamos que ela propiciou espaços de reflexões e aprendizados nos seus espetáculos. Consideramos que, pela dramaturgia, ela possibilitou lugares e momentos de formação das pessoas que tiveram acesso às peças, demonstrando, assim, que a atividade artística teatral foi

também utilizada como lugar de educar a sociedade. Assim, ressaltamos a pertinência de ponderações sobre a arte enquanto espaço de reflexão e formação.

A arte teatral – espaço educativo de Zilda

A análise das temáticas abordadas por Zilda nas suas peças de teatro nos possibilitou compreender que ela fez ponderações de diversos problemas sociais e oportunizou momentos de reflexões acerca desses problemas ao público presente em seus espetáculos, demonstrando que a arte teatral foi por ela utilizada como lugar de, além de entreter e divertir, provocar inquietações e educar o público.

Para validar a arte como espaço educativo, ressaltamos a afirmação de Fisher (1981, p. 15) referindo-se ao espetáculo teatral, para ele “A obra de arte deve apoderar-se da plateia não através da identificação passiva, mas através de um apelo à razão que requeira ação e decisão”. Consideramos que as peças de Zilda, com as reflexões apresentadas, viabilizou essa relação de apelo ativo para com os seus espectadores, ou seja, oportunizou que o público, a partir dos conflitos e o desenvolver da trama para a resolução dos mesmos, pudessem refletir sobre os problemas sociais existentes no seu meio e repensar suas atitudes.

Fisher (1981, p. 17) acentua sobre a temporalidade da arte. Segundo ele,

toda arte é condicionada pelo seu tempo e representa a humanidade em consonância com as ideias e aspirações, as necessidades e as esperanças de uma situação histórica particular. Mas, ao mesmo tempo, a arte supera essa limitação e, de dentro do momento histórico, cria também um momento de humanidade que promete constância no desenvolvimento.

Ponderamos que os temas abordados por Zilda, as desigualdades sociais retratadas e as consequências negativas dessa desigualdade para a população pobre, e, dentre outros, a realidade preconceituosa e discriminatória enfrentada pelas mulheres, existentes naquele período histórico em que as peças foram escritas, não eram problemas e dificuldades exclusivas daquela sociedade. Estiveram e estão presentes até hoje no meio social, o que nos demonstra que, de fato, a arte teatral desenvolvida por Zilda estava condicionada ao seu tempo, já que representava a realidade da qual fazia parte, ainda assim, superou essa limitação temporal e retratou os problemas sociais existente na atualidade e que, possivelmente, ainda existirão nas sociedades futuras.

Além disso, Fisher (1981, p. 20) destaca ainda que a função da arte está em conciliar a magia, que lhe é intrínseca, como a de provocar esclarecimentos acerca da realidade vivida e incitar atitudes nas pessoas, assim “a arte é necessária para que o homem se torne capaz de conhecer e mudar o mundo. Mas a arte também é necessária em virtude da magia que lhe é inerente”. Nesse sentido, observamos que a dramaturgia desenvolvida por Zilda na cidade de Morrinhos, ao ocupar o lugar de entreter, divertir, bem como provocar reflexões, ações e de educar o público, possivelmente cumpriu a sua função artística.

Dessa forma, salientamos que na dramaturgia, a trajetória de Zilda também é marcada por contradições e reflexões. Uma das contradições, assim como para seu pai, refere-se ao fato de Zilda, uma mulher, dedicar-se à atividade teatral, o que na sua época de atuação continuava sendo malvisto pela sociedade. Mesmo assim, ela se dedicou à escrita, produção e encenação de peças teatrais em Morrinhos e nas cidades vizinhas.

As peças teatrais, sucintamente analisadas, como já mencionamos, demonstraram que também foi um espaço em que Zilda propiciou reflexões, também marcadas por contradições, já que os temas abordados se referiam a problemas sociais que não eram por ela vivenciados. Consideramos ainda que os ensaios e as apresentações das peças teatrais também foram lugares em que Zilda possibilitou reflexões relevantes sobre problemas sociais existentes. Outra contradição que se faz pertinente ponderar se refere à quase ausência da religiosidade nos temas abordados por ela nas peças. Evidenciamos essa contradição pois mesmo uma de suas influências na dramaturgia ter sido em uma instituição religiosa, na qual as atividades teatrais eram voltadas para a formação cultural da igreja, suas peças não apresentam temas religiosos nem reflexões voltadas para a doutrinação.

Assim, inferimos que Zilda Diniz Fontes, enquanto professora, escritora, romancista, poetisa e dramaturga, oportunizou aprendizados que ultrapassaram os limites da educação formal. Concluímos que, com suas produções literárias e artísticas, ela se preocupou com uma formação educacional ampliada, considerando o seu movimento artístico como oportunidade de formação humana. Transitou pela literatura, pela arte e pela educação. Foi uma mulher inquieta, que decidiu, por meio da arte, dialogar com várias dimensões do humano. Uma educadora para além dos muros da escola.

Bibliografia

ASSIS, Wilson Rocha. *Estudos de História de Goiás*. Goiânia: Editora Vieira, 2005.

BESE, Regina Macedo Boaventura. Expansão e Interiorização da Educação Superior. *Revista Gestão Universitária*, Minas Gerais, 2007, s/n, s/v. Disponível em: <<http://gestaouniversitaria.com.br/artigos/expansao-e-interiorizacao-da-educacao-Superior>>.

Acesso em: 06 out. 2018.

BRASIL. Ministério da Cidadania. Secretaria Especial da Cultura. Secretaria do Audiovisual. Cinemateca Brasileira. Cala a boca Etelvina. c2019. Disponível em: <[http://bases.cinemateca.gov.br/cgi-](http://bases.cinemateca.gov.br/cgi-bin/wxis.exe/iah/?IsisScript=iah/iah.xis&base=FILMOGRAFIA&lang=p&nextAction=lnk&exprSearch=ID=002172&format=detailed.pft)

[bin/wxis.exe/iah/?IsisScript=iah/iah.xis&base=FILMOGRAFIA&lang=p&nextAction=lnk&exprSearch=ID=002172&format=detailed.pft](http://bases.cinemateca.gov.br/cgi-bin/wxis.exe/iah/?IsisScript=iah/iah.xis&base=FILMOGRAFIA&lang=p&nextAction=lnk&exprSearch=ID=002172&format=detailed.pft)>. Acesso: 28 jan. 2019.

BRZEZINSKI, Iria. Escola Normal de Goiás: nascimento, apogeu, ocaso, (re)nascimento. In: V Congresso Brasileiro de História da educação, 2008, Aracaju. *Anais...* Aracaju: 2008, p. 1-29. Disponível em: <<http://sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe5/pdf/12.pdf>>. Acesso em: 23 jan. 2019.

BURKE, Peter (org). *A Escrita da História: novas perspectivas*. Tradução de Magda Lopes. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1992.

CALABRE, Lia. No tempo das radionovelas. *Comunicação & Sociedade*, São Bernardo do Campo, a. 29, n. 49, p. 65-83, 2007. Disponível em: <[https://www.metodista.br/revistas/revistas-](https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/CSO/article/viewFile/761/771)

[ims/index.php/CSO/article/viewFile/761/771](https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/CSO/article/viewFile/761/771)>. Acesso em: 15 out. 2018.

CAMPOS, Francisco Itami. *Coronelismo em Goiás*. 2 ed. Goiânia: Vieira, 2003.

CHAMON, Carla Simone. *Escolas em reforma, saberes em trânsito: a trajetória de Maria Guilhermina Loureiro de Andrade (1869-1913)*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008.

DOMINGUES, Viviane Pedroso. Especificando a validade do estudo sobre memorialistas através do uso da teoria da consciência histórica. *Anais do XXVI Simpósio Nacional de História* – ANPUH. São Paulo, 2011. Disponível em: <http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1300879525_ARQUIVO_textoanpuh.pdf>. Acesso em: 22 out. 2018.

DOSSE, François. O desafio biográfico: escrever uma vida. Tradução de Gilson César Cardoso de Souza. 2 ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2015.

FONSECA, Maria Lúcia. Coronelismo e cotidiano – Morrinhos (1889-1930). In: CHAUL, Nars Fayad (Org.). *Coronelismo em Goiás: estudos de casos e famílias*. Goiânia: Kelps, 1998.

FISHER, Ernst. *A necessidade da arte*. Tradução de Leandro Konder. 8 ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1981.

- GUIMARÃES, Raquel Beatriz Junqueira. Escrita de mulheres: cotidiano força e rebeldia. *SCRIPTA*, Belo Horizonte, v. 18, n.35, p. 9-18, 2014. Disponível em: <<https://dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/5821915.pdf>>. Acesso em: 12 dez. 2018.
- LEVI, Giovanni. Usos da biografia. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (Org). *Usos e Abusos da História Oral*. 8ª ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.
- IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Morrinhos. 2017. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/go/morrinhos/historico>>. Acesso: 10 dez. 2018.
- LORIGA, Sabina. *O pequeno x: da biografia à história*. Tradução de Fernando Scheibe. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011.
- MENEZES, Irmã Aurea Cordeiro. *O Colégio Santa Clara e sua influência educacional em Goiás*. Goiânia: 1981.
- OLIVEIRA, Maria da Glória de. Biografia e história magistra vitae: sobre a exemplaridade das vidas ilustres no Brasil oitocentista. *Anos 90*, Porto Alegre, v.22, n. 42, p. 273-294, 2015. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/anos90/article/viewFile/48408/36150>>. Acesso em: 03 jan. 2019.
- PESAVENTO, Sandra Jatahy. *História e História cultural*. São Paulo: Autêntica, 2007. Disponível em: <<http://lelivros.love/book/download-historia-historia-cultural-sandra-jatahy-em-epub-mobi-e-pdf/>>. Acesso em: 03 jan, 2019.
- RABELO, Rafaela Silva; RIBEIRO, José Pedro Machado. Permanências e mutações no ensino de matemática no Lyceu de Goiânia na década de 1960. *Anais do XIII Conferência Interamericana de Educação Matemática*, XIII CIAEM-IACME, Recife, Brasil, 2011, p. 1-10. Disponível em: <https://ciaem-redumate.org/ocs/index.php/xiii_ciaem/xiii_ciaem/paper/view/2021/527>. Acesso em: 29 set. 2018.
- RIBEIRO, Miriam Bianca Amaral. Memória, família e poder: História de uma permanência política – os Caiado em Goiás. In: CHAUL, Nars Fayad (Org.). *Coronelismo em Goiás: estudos de casos e famílias*. Goiânia: Kelps, 1998.
- SANTEE, Rosilene Alves da Silva. “Ginásio de Morrinhos” (1936-1971): Instituição Católica de Ensino Secundário. 2017. 161f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Goiás/Regional Catalão.
- SANTOS, Marlus Silva dos; LUZ, Janes Socorro da. Morrinhos: do destaque regional e político à estagnação econômica e populacional. In: III Simpósio Nacional de História da UEG. 2014. Morrinhos. *Anais eletrônicos*. Morrinhos: 2014, p. 105-123. Disponível em:

<www.anais.ueg.br/index.php/simposionacionaldehistoria/article/view2361/1482>. Acesso em 30 jan. 2019.

SILVA, Nilza Diniz. *Escola: célula importante para a educação*. Goiânia: Kelps, 1995.

VALDEZ, Diane; BENTO, Alline Rodrigues. Zilda Diniz Fontes. In: VALDEZ, Diane (Org.). *Dicionário de Educadores e Educadoras em Goiás: Séculos XVIII – XXI*. Goiânia: Editora Imprensa Universitária, 2017.

ZORZETTI, Hugo. *Memórias do teatro goiano: volume 1: a cena na capital*. Goiânia: Editora UFG, 2014a.

_____. *Memórias do teatro goiano: volume 2: a cena no interior*. Goiânia: Editora UFG, 2014b.

Fontes

FONTES, Zilda Diniz. *Morrinhos: de capela a cidade dos pomares*. Goiânia: Oriente, 1980.

_____. *Por quê?*. Morrinhos: 1968. Manuscrito.

_____. *Tudo na vida tem seu preço*. Morrinhos: 1969. Manuscrito.

_____. *Quem será o próximo?*. Morrinhos: 1970. Manuscrito.

_____. *Ela*. Morrinhos: 1973. Manuscrito.

_____. *Cheretildo Tildo*. Morrinhos: 1978. Manuscrito.

_____. *Socorro, macaco palhação!*. Morrinhos: 1979. Manuscrito.

_____. *A comandante*. Morrinhos: 1981. Manuscrito.

_____. *Os invasores*. Morrinhos: 1982. Manuscrito.

_____. *Com estas mãos*. Morrinhos: s/d. Manuscrito.